

LUTA E REFLEXÃO: O ENSAÍSMO DE OSMAN LINS

Lauro de Oliveira

A ficção de Osman Lins – seus romances, suas peças de teatro – tem sido objeto de estudos e de elaboração de teses de mestrado e doutorado, nas Universidades brasileiras e no exterior. Interesse crescente, o que, a nosso ver, demonstra a força dos seus textos, oriundos, em geral, de um trabalho profundo de reflexão e meditação e, enfim, revelados em forma de livro ou de peça teatral. Cada texto custava seu sangue e seus ossos, como ele próprio costumava dizer. O livro ou a peça que vinha a público era o melhor que ele poderia extrair dele próprio naquela fase de sua vida, pois o ofício de escrever jamais foi visto por ele como uma atividade dileitante ou superficial. Esse pensamento está dito e repetido em suas entrevistas e, de modo especial, no seu livro de ensaios *Guerra sem Testemunhas*, cujo tema central é a dignidade do escritor, examinada sob vários ângulos ou em função de entidades que diretamente influíam na produção de textos, tais como as editoras, a censura, os grupos teatrais etc.

Examinaremos o ensaísmo de Osman em seu sentido amplo. Podemos dizer que ele deixou dois livros de ensaio em seu conceito puro: *Guerra sem Testemunhas* e *Lima Barreto e o espaço romanesco*, este último sua tese de doutorado em literatura, orientada pelo crítico e professor Alfredo Bosi. Nossa intenção, no entanto, é mais abrangente: consideramos *ensaio* tudo o que Osman escreveu, dentro ou fora da ficção, no que emite uma opinião pessoal ou assume uma postura crítica diante da sociedade do seu tempo, no Brasil ou fora do Brasil ou frente à própria literatura. Essa falta de delimitação torna o trabalho difícil e, ao mesmo tempo, instigante. Esperamos, porém, que possamos exercer um certo controle e apresentar algo claro e inteligível.

Em *A Rainha dos Cárceres da Grécia*, esse misto de romance e ensaio, aula viva de como devemos ler uma obra de ficção, livro cheio de simulações, mais próximo da intuição que da razão, existe uma definição de ensaio, digna de comentário. Diz Osman que o ensaio exige isenção e lucidez. Discute, então, a validade da análise que o professor de Ciências Naturais, amante de Julia Marquezim Enone, está fazendo de seu romance. Como ele amou Julia, faltaria aos seus comentários isenção e lucidez. Vem Osman em socorro ao professor e escreve: *Pois que inflexível lei nos obrigaria a esconder, como indecoroso ante uma obra de arte, o nosso ardor?* (p. 7 – *A Rainha dos Cárceres da Grécia* – 1ª edição – Edições Melhoramentos – São Paulo – 1976). Osman define o conceito clássico de ensaio e afirma, logo em seguida: *Tomarei outro rumo. Quero um ensaio onde, abdicando da imunidade ao tempo, e, em consequência, da imunidade à surpresa e à hesitação, eu estabeleça com o leitor – ou cúmplice – um convívio mais leal.* (Idem, *ibidem* – p. 8).

Essa cumplicidade é fundamental para que entendamos o comportamento de Osman como escritor. Em primeiro lugar, é preciso refutar o conceito de hermetismo, muitas vezes atribuído aos livros de Osman, sobretudo os da segunda fase de sua produção literária. Ele não foi nem jamais desejou ser um escritor hermético. Achava que toda obra de arte deve ser elaborada com clareza e lida de maneira adequada. Um sistema de leitura de um livro pode ser inadequado para outro. Cada livro exige uma maneira própria de ser abordado. Daí a necessidade de certas informações sobre o livro e sobre seu autor para que o leitor assumira uma postura correta. Osman sempre lutou pelo advento do leitor qualificado, sem o que a

obra de arte perderia seu sentido. Leitor é alguém com certas qualificações, jamais um usuário ou consumidor de livro. Um leitor de *best sellers* não pode chegar com a mesma candura ou descompromisso a Machado de Assis, Lima Barreto, Guimarães Rosa ou Graciliano Ramos. Cada escritor exige uma postura própria e inteligente do leitor.

Aliás, esse relacionamento escritor/leitor é assunto que mereceu de Osman atenção muito especial. O aperspectivismo é a renúncia ao que chamo de despotismo literário, isto é, à narrativa centrada exclusivamente na ótica prepotente do narrador. Ele tudo vê, tudo dirige, tudo comanda.

O aperspectivismo é, antes de tudo, um libelo contra o antropocentrismo do homem moderno, que se julga o centro de todas as coisas. Osman assimilou essa noção, para ele muito mais rica da narrativa ficcionista, dos seus contactos com o pensamento da Idade Média, período histórico caracterizado pelo deísmo. *O convívio com as obras de arte* – escreve Osman – *principalmente as obras de arte medievais, desenvolveu em mim uma tendência que já se esboçava, engraçado, mesmo antes de viajar...* (Evangelho na Taba – Outros problemas inculturais brasileiros – Summus Editorial – São Paulo – 1ª edição – 1979 – p. 214). Osman se refere à sua primeira viagem à Europa, muito enriquecedora para a elaboração da segunda parte de sua obra, viagem de que nos dá notícia no seu livro *Marinheiro de Primeira Viagem*. O aperspectivismo traz nova riqueza ao foco narrativo por não fixar-se em um único ponto, no tempo e no espaço. Toda a obra é envolvida por uma noção globalizante. O leitor se sente dentro dela, participando de tudo quanto se passa no romance.

OSMAN LINS E PAULO FREIRE

Essa valorização do leitor me parece fundamental para estabelecer um paralelo entre Osman e o educador Paulo Freire. Ambos pernambucanos, portadores de uma ética profissional profunda, que deixaram um exemplo de maturidade intelectual pouco visto entre nós. Osman e Paulo construíram notoriedade através de um trabalho lento, planejado e executado em cada etapa sem precipitação, mas com absoluta consciência do objetivo a que desejam alcançar. Lembro-me de um episódio, para mim marcante, do itinerário de Paulo Freire. Ele era então chefe de gabinete do reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Professor João Alfredo, e disputava, em concurso público, uma cadeira de pedagogia, na área de educação da Universidade. A banca examinadora era formada por professores locais e convidados. Como se sabe, (fato, aliás, lamentável) há em geral influências escusas em tais concursos universitários. Pedidos são feitos, pressões exercidas em favor de determinado candidato. Paulo Freire, pela sua posição, seria supostamente o beneficiário dessa interferência aética. Sua estatura moral se impunha de tal maneira que o concurso foi todo conduzido numa linha de absoluta normalidade e o candidato vitorioso foi o antagonista de Paulo, a Professora Maria do Carmo Miranda, como uma tese brilhante sobre a pedagogia na Bíblia Sagrada. Talvez Paulo tenha sido o mais parabenizado pela sua postura ética.

Toda a pedagogia de Paulo Freire é baseada no respeito ao educando, ao seu mundo, aos seus saberes. Seu método de alfabetização é feito a partir do pleno conhecimento do universo vocabular dos educandos, de suas relações no meio onde vive. No seu entender, não tinha sentido levar ao educando algo de fora, de um ambiente estranho daquele onde vivia o público alvo de suas experiências pedagógicas. A partir do momento em que Osman adota o aperspectivismo, rompe uma tradição literária de caráter nitidamente autoritário, na qual o foco narrativo é centrado na figura do escritor. Há na posição osmaniana uma feição democrática, participativa, diria até política, que o aproxima da pedagogia de Paulo Freire. Nada de convicções definitivas ou impositivas. O romance de Osman é tão aberto quanto a pedagogia de Paulo. Ambos são *móveis* que se deslocam no espaço e que tomam formas diversas ao sabor das interpretações inesgotáveis de leitores atentos, como a pedagogia de Paulo vai se enriquecendo dos saberes que lhe são acrescentados pelos educandos.

O mundo desempenhava um papel importante no desenvolvimento do método Paulo Freire. O educador tinha como missão despertar e conscientizar o educando para que ele, transformado de ser passivo e inerte em ente protagonista de sua história, cidadão atuante e transformador do mundo. Também Osman concebia o romance como uma reflexão sobre

o mundo, uma *cosmogonia*, como ele próprio designava. O mundo seria um elemento unificador. Educando e leitor se encontram na tarefa comum de decodificar o universo e transformá-lo de caos em cosmo. Essa decodificação exige sobretudo espírito crítico que tanto a pedagogia de Paulo quanto a ficção de Osman procuram inocular no educando e no leitor. Essa consciência crítica operante carrega em si o germe da libertação humana, objetivo último buscado com ânsia e denodo por Paulo e por Osman.

A importância da palavra é outro elemento unificador das duas concepções aqui colocadas em confronto. A palavra humana imita a palavra divina na sua força criadora. Para Osman, a palavra era uma entidade espiritual, capaz tanto de soerguer como de aniquilar. Ao ficcionista cabia o papel de transformá-la em elemento de libertação do ser humano. A propósito, escreveu em *Avalovara* (Edições Melhoramentos – S. Paulo – 1973 – 1ª edição, p. 261)

A palavra sagra os reis, exorciza os possessos, efetiva os encantamentos. Capaz de muitos usos, também é a bala dos desarmados e o bicho que descobre as carcaças podres

Em Paulo Freire a palavra é vida. Não a palavra que o educador leva consigo, surgida do seu mundo, de sua formação universitária. Mas a palavra que surge espontânea do homem rude, do meio em que vive, da qual o educador vai tirar o elemento essencial para tornar válido o método de alfabetização. Essa palavra é rica de vida, de sacrifícios e sofrimentos, é sangue do seu sangue. Através dela esse homem oprimido vai transformar-se em homem liberto e atuar no mundo como protagonista da história. Tiago de Mello manifestou poeticamente a força dessa transformação do mundo pelo palavra ao escrever *Canção para os fonemas da alegria*:

Peço licença para soletrar
no alfabeto do sol pernambucano,
a palavra ti-jo-lo, por exemplo,
e poder ver que dentro dela vivem
paredes, aconchegos e janelas,
e descobrir que todos os fonemas
são mágicos sinais que vão se abrindo
constelação de girassóis gerando
em círculos de amor que de repente
estalam como flor no chão da casa.

(Do livro *Faz escuro mas eu canto – Porque a manhã vai chegar – Poesias, Editora Civilização Brasileira, Rio, 1965*)

A MEDIOCRIDADE DO LIVRO DIDÁTICO

Essa preocupação de Osman por problemas relacionados ao ensino vinha de década de 60, quando publicou no Recife o livro *Um Mundo Estagnado*, (Imprensa Universitária – Recife – 1966) editado pela Universidade Federal de Pernambuco. É sua primeira investida contra os autores de livros didáticos para o ensino de português no ensino médio. Fez uma pesquisa por amostragem e constatou quanto havia de atentado à literatura, de malandragem e falta de preparo específico dos autores, mais interessados em auferir lucros com a venda de tais livros do que propriamente iniciar os alunos no gosto pela literatura. Os autores escolhidos para figurar nas antologias eram em geral escritores tradicionais, os conhecidos *medalhões* (a maioria já morta) e os trechos escolhidos de suas obras inexpressivos e na maioria da vezes pouco representativos da possível força literária do escritor. Em alguns livros, havia até excertos lamentáveis do próprio autor do livro didático, uma expressão de cabotismo imperdoável. Tais autores, pela má qualidade de seus escritos, possivelmente jamais teriam alguma coisa de sua autoria impressa em livro ou em qualquer outro meio de divulgação. Notava-se ainda a recusa quase sistemática em incluir nas antologias autores modernos. A conclusão melancólica de Osman era que, através desses livros escolares, nenhum aluno seria atraído para a leitura de bons autores ou vislumbraria a dignidade do ofício de escrever e da própria literatura, tal o conteúdo alarmantemente medíocre dessas obras didáticas.

Osman retornou ao assunto 10 anos depois, em 1976, Novamente fez uma pesquisa por amostragem e constatou com alegria que alguns livros mereciam elogios e corrigiam erros grosseiros cometidos em livros didáticos anteriores, da década de 60. No entanto, persistiam ainda irregularidades graves, tais como escolha superficial de textos, preferência por autores já falecidos, inclusão de textos sem nenhuma relação com a literatura, como, por exemplo, um poema de Pelé (Edson Arantes do Nascimento) que deu grande contribuição ao nosso futebol e nenhuma à nossa literatura. Verificou ainda Osman um odioso aliciamento dos autores para conquistar a simpatia dos seus leitores adolescentes. Omissão injustificada de escritores brasileiros modernos, como se constituíssem uma casta maligna. A constatação de que sua cruzada, iniciada em 1966, produzira frutos, mas seu êxito tinha sido relativo. Nada disso, porém, arrefeceu sua capacidade de luta, pois entendia que o escritor tinha necessariamente de ser atuante e servidor do seu povo.

GUERRA SEM TESTEMUNHAS

Guerra sem Testemunhas é o mais importante dos ensaios de Osman. Obra que marca um momento de séria reflexão em sua vida de escritor e representa uma tomada de posição entre dois períodos da sua produção literária. O livro antecede a publicação do seu romance *Avalovara* e pode mesmo ser preparatória e antecipadora desse romance, que renovou a literatura brasileira. "... a função crítica – escreve Ana Luiza Andrade em *Osman Lins: Crítica e Criação – p. 65 – 1ª edição – Editora Hucitec São Paulo SP –* é também uma resposta à necessidade social de seu país que se amplia na função criativa em *Guerra*, como uma resposta à necessidade de mudança da imagem do mundo." O estudo de Ana Luiza mostra que o ensaio de Osman é uma reflexão exaustiva e sistemática de sua estética, onde ele examina o que já havia realizado e o que ainda pretendia realizar. Além de estabelecer os pressupostos estéticos de sua arte, ele também estuda as bases éticas de sua ficção. Poucos escritores brasileiros conseguiram compor o nexo entre crítica e criação como Osman o fez em *Guerra sem Testemunhas*.

O livro surge da necessidade de afirmar um ideário, de inventariar, tornar consciente e coerente uma série de pensamentos esparsos que vagavam sem rumo desde o momento em que Osman, ainda imberbe, tomara a decisão de ser escritor e só escritor. Essa decisão, transformada em projeto, trabalhado e executado no decurso do tempo, era ainda nebulosa, mais intuída do que sistematizada racionalmente no início de sua trajetória como escritor. Em dado momento sentiu necessidade de concretizá-lo para que servisse como uma espécie de anteparo para protegê-lo de possíveis interpelações e questionamentos...." *escrevendo – diz Osman – sou capaz de aferir conceitos, revisar valores, pesar o impoderável, desfilar enfim o tecido dos ideais e avançar um pouco na obscuridade das coisas"* (*Guerra sem Testemunhas – 1ª edição – Martins Editora – São Paulo – 1969, p.20*)

A propósito, a escritora e ensaísta Regina Igel escreveu que *Guerra sem Testemunhas* é o "resultado de uma longa reflexão e experiência pessoal sobre problemas relativos aos que fazem literatura no Brasil" (OSMAN LINS – Uma biografia literária, T. A. Queiroz, Editor/Pró Memória – Instituto Nacional do Livro São Paulo – 1988 – p.165).

Quando iniciamos a leitura desse livro, sentimos uma certa hesitação do autor. Ele tem consciência de que vai realizar um trabalho difícil, único e sem antecedentes, pelo menos em língua portuguesa. "A presente abordagem - escreve Osman - longe de ser uma prédica, explanação dirigida a alguns leitores - transcende o objetivo original, ou antes se reduz, assume rápido um aspecto de interrogatório (íntimo, cerrado) formulado também para meu proveito." (Idem, *ibidem*, p. 12).

Osman escreveu seu ensaio com paixão, não uma paixão desvairada e irracional, mas contida e altamente construtiva. O fato de Regina Igel classificar a obra de "agressiva, incisiva, beligerante e provocativa" não lhe tira o mérito, mas revela o desejo de Osman, consciente ou inconsciente, de suscitar problemas e discussões e fazer despertar escritores e ficcionistas de possíveis letargias e acomodações medrosas e conformistas.

Não havia radicalismo em Osman e ele sempre se mostrou aberto a discutir seus temas e rever posições. Nesse sentido, é significativo o diálogo que manteve com o crítico Anatol

Rosenfeld a propósito do capítulo *O escritor e o teatro*, a que faz referência a Dra. Teresa Dias em sua tese de doutorado.. O crítico Anatol Rosenfeld, por quem Osman nutria sincera admiração, fez reparos pertinentes, a algumas posições radicais do escritor. Osman negava a independência do teatro e o julgava em função da literatura. Muitas de suas críticas eram fundadas e levou a revisões substanciais, como o próprio Rosenfeld ressalta no artigo que publicou no Suplemento do Estadão, sob o título *Osman Lins e o Teatro Atual*, em 14/3/70. Por exemplo, as críticas formuladas por Osman contra A Comissão Estadual de Teatro de São Paulo – CET foram levadas em consideração e a política interna do órgão sofreu alterações substanciais. No entanto, a insistência de Osman em recusar qualquer meio que, prejudicando o uso da palavra, desse ascendência ao jogo cênico, foi considerada por Anatol como *antiquada e superada*. É provável que Osman tenha reconsiderado seu radicalismo, tal o apreço, a amizade e o respeito que tinha por Anatol Rosenfeld, sobre quem escreveu um belo e comovido artigo quando de sua morte.

Guerra sem Testemunhas é um ensaio *sui generis* pois concilia crítica e criação, dois polos que Osman chama de *confessional* e *polêmico*. Joga com os dois com absoluta habilidade, a ponto de levar o seu leitor à perfeita compreensão de sua posição de escritor combativo e mesmo iracundo diante de nossa sociedade e, ao mesmo tempo, revelar as linhas gerais de sua estética inovadora, que estariam presentes em seus livros *Nove, Novena, Avalovara* e *Rainha dos Cárceres da Grécia*.

LIMA BARRETO E O ESPAÇO ROMANESCO

Osman fez questão de escrever um ensaio sobre a obra de Lima Barreto a escrever propriamente uma tese de doutorado com aquela tradicional submissão ao jargão universitário, o que faz muitas vezes dessas teses leitura insípida e não muito prazerosa do ponto de vista estritamente literário. Achava também que seria incompatível com Lima Barreto, homem tão avesso ao formal e acadêmico, que *“detestou em vida os doutores e os títulos”*, escrever tese universitária sobre sua vida e obra. Acho que Osman, logo de início, manifestou essa sua decisão ao ilustre Professor Alfredo Bosi, seu orientador, que deve ter acatado sua decisão sem relutância.

No prefácio, de título tão sugestivo *Escrito depois para ser lido antes*, Osman explica porque escolheu Lima Barreto para objeto de seu estudo. Traça então um interessante paralelo entre Lima Barreto e Machado de Assis, sempre reconhecendo em ambos grande força e inegável valor literário, este mais formal e de escrita mais apurada, aquele uma força bruta da natureza, perspicaz e atento aos problemas da sociedade brasileira que, segundo Osman, ninguém como ele *“nos viu até hoje com maior verdade e lucidez”*.

Machado e Lima Barreto carregavam o estigma da cor da pele, aquele mulato, este preto. Lima Barreto assume sua negritude sem maiores complexos, o que sem dúvida contribui para sua postura de contestação de nossas tendências sociais de injustiça, marginalidade e preconceito racial muito pouco explícito. Machado de Assis, mulato, procura, consciente ou inconsciente, estabelecer vínculos com a sociedade do seu tempo, sem qualquer atitude de protesto, procurando, de certo modo, formas de conciliação, o que não exime os seus textos, sempre bem elaborados, de ironia e sarcasmo.

Há no ensaio de Osman sobre Lima Barreto muitos pontos de contacto com sua obra *Guerra sem Testemunhas*. Lima Barreto, tanto como Osman, foi um inconformado com os falsos valores de uma sociedade dominada pelos possuidores de grandes fortunas, que elegiam os que ocupavam os cargos públicos. O verdadeiro escritor, como Osman o concebia, não poderia ser um alienado ou conivente com tal sistema social gerador de milhares de pobres e marginais.

No seu estudo sobre Lima Barreto, escrito, como disse, para conquistar o título de doutor em literatura, Osman procurou examinar o espaço romanesco na ficção do nosso gênio mulato. Na realidade, o que Lima Barreto procurava caracterizar em primeiro lugar eram seus personagens, que sobreviviam em seu isolamento, sem se influenciarem entre si. É o fenômeno do *“insulamento”*, a que se refere Osman. O espaço romanesco só aparece devidamente caracterizado no romance *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, compondo o perfil do

personagem e influenciando em suas ações no decorrer da narrativa. Fica demonstrado que Lima Barreto, ao contrário do que pensavam alguns críticos literários da época, não era um escritor menor, que desprezasse o espaço por desconhecer como bem utilizá-lo, mas um escritor bem familiarizado com todos os segredos da ficção.

O ensaio de Osman contribuiu de maneira muito especial para colocar Lima Barreto como escritor de qualidade excepcional, dos mais importantes de nossa literatura.

OS LIVROS DE VIAGEM

Pode-se levantar a questão: os livros de viagem de Osman podem ser considerados ensaios? Minha resposta é afirmativa, desde que se defina “ensaio”, como tudo que ele escreveu fora da ficção. Pode-se até considerar, com o fez a escritora Sandra Nitri, seu primeiro livro de viagem como antecipador de sua revolução estética, que se manifestou logo em seguida com seus romances escritos em São Paulo.

Na sua primeira viagem à Europa, rigidamente planejada em seus aspectos culturais, Osman colheu, nas igrejas góticas, nos museus, nas cidades, nos encontros com intelectuais, aspectos fundamentais daquilo que, devidamente assimilado e interiorizado, iria constituir peças básicas de sua revolução estética. A arte medieval foi muito relevante para Osman criar o aperspectivismo, que tornou sua narrativa altamente inovadora num caminho que classifico de participativo e democrático. O foco narrativo, antes centrado exclusivamente na figura do escritor, desloca-se ao sabor da valorização do texto para o leitor ou para os próprios personagens, experiência que pode ser observada no seu livro *Nove, Novena*, o primeiro dessa série inovadora.

Foram importantes também nessa viagem os contactos que manteve com escritores como Alain Robbe-Grillet, Michel Butor e Vintila Horia, os dois primeiros conhecidos pesquisadores de novas formas de narração romanesca.

Marinheiro de Primeira Viagem é um livro inovador no gênero viagem e também precursor da estética que Osman assimilava para introduzir em suas novas obras. A propósito, escreveu a Professora Sandra Nitri: *Sua narrativa, literalmente fragmentada, prenuncia a composição descontínua de Nove, novena e Avalovara* (Do seu ensaio *Viagem real, viagens literárias*, publicado no Suplemento Cultural – Recife – maio/junho de 1998 - p.22).

LA PAZ EXISTE?

Esse segundo livro de viagem que Osman publicou em 1977 teve a parceria de sua segunda esposa, a também escritora Julieta de Godoy Ladeira. É um livro diferente do primeiro, pode-se dizer um livro angustiado e angustiante, que revela as peripécias de uma viagem pelos países sul-americanos, onde as condições de vida das populações deixam uma marca dolorosa na mente e no coração dos dois viajantes.

Quando assisti ao filme *Diários da Motocicleta*, onde se relata o primeiro contacto do argentino Che Guevara com o povo da América Latina, lembrei-me muito desse segundo livro de viagem de Osman. As constatações que o escritor pernambucano fez não deferiram em nada das conclusões de Che Guevara: “*A América Latina – escreveu Osman – era um continente espoliado. Nações poderosas metiam aqui a unha e arrancavam o que podiam. Mas isto, que não tem perdão, era ainda mais tolerável que a devastadora indiferença dos governantes latino-americanos em relação aos países que fingiam dirigir, quando só faziam digerir.*” (*La Paz existe?* – 1ª edição – p. 96 – Summus Editorial – São Paulo SP).

Acho que essa viagem, decisiva para o destino de Che Guevara, também reforçou em Osman sua concepção de escritor engajado, que jamais contemporizou com a injustiça social, seja de que forma se tenha apresentado.

BIBLIOGRAFIA

- Andrade, Ana Luiza – *Osman Lins: Crítica e Criação* – Editora Hucitec – São Paulo – 1987 – 1ª edição – 239 pp.
- Dalcastagne, Regina – *A Garganta das Coisas* – Imprensa Oficial – Editora UNB – 2000 – 1ª edição – 286 pp.
- Ferreira, Ermelinda – *Cabeças Compostas – A personagem Feminina na Narrativa de Osman Lins* – Edição da autora – Rio de Janeiro – 2000 – 1ª edição – 151 pp.
- Nitrini, Sandra – *Poéticas em Confronto* – Hucitec/Pró-Memória-Instituto Nacional do Livro – São Paulo – 1987 – 1ª edição – 287 pp.
- Lins, Osman – *Marinheiro de Primeira Viagem* – 1ª Edição – Ediotra Civilização Brasileira – Rio de Janeiro – 1963 – 165 pp.
- *Um Mundo Estagnado* – Imprensa Universátia – Recife – 1966 – 42 pp.
- *Guerra sem Testemunhas* – Livraria Martins Editora S. A. São Paulo – 1969 – 285 pp. 1ª edição
- *Avalovara* – Edições Melhoramentos – 1ª edição – São Paulo – 413 pp.
- *A Rainha dos Cárceres da Grécia* – Edições Melhoramentos – 1ª edição – São Paulo – 1976 – 218 pp.
- Lima Barreto e o espaço romanesco – Editora Ática – São Paulo – 1ª edição – 1976
- *Do Ideal e da Glória – Problemas Inculturais Brasileiros* – 1ª edição – 1977 – Summus Editorial – São Paulo SP – 189 pp.
- *La PAZ existe?* - em parceria com Julieta de Godoy Ladeira – 1ª edição – Summus Editorial – São Paulo – 1977 – 117 pp.
- *Evangelho na Taba – Outros Problemas Inculturais Brasileiros* – 1ª edição – Summus Editorial – São Paulo – 1979 – 269 pp.
- Freire, Paulo – *Educação como prática da liberdade* – Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro – 1967 – 1ª edição – 150 pp.
- *Ação Cultural para a liberdade e outros escritos* – Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro – 1979 – 4ª edição – 149 pp.
- *Pedagogia do Oprimido* – Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro – 1980 – 8ª edição – 218 pp.
- *Extensão ou comunicação?* – Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro – 1980 – 4ª edição – 93 pp.
- *Conscientização* – Editora Moraes – São Paulo – 1980 – 3ª edição – 102 pp.
- *Pedagogia da Esperança* – Editora Paz e Terra – Rio de Janeiro – 1992 – 11ª edição – 245 pp.
- Vários Autores – *O Sopro na Argila* – Organização de Hugo Almeida, comemorativa dos 80 anos do nascimento de Osman Lins – Nankin Ediotrial – São Paulo – 2004 – 1ª edição – 374 pp.
- Idem, ib. *Vitral ao Sol* – organização de Ermelinda Ferreira – comemorativa dos 80 anos de nascimento de Osman Lins – Editora Universitária – 2004 – Recife PE – 330 pp.

